

ESTUDO E TRADUÇÃO DOS ORIGINAIS EM SÂNSCRITO DOS UPANISADS

Bruno Silva de Carvalho¹
Pedro Jehle de Araújo Gouvêa¹
Dilip Loundo²

RESUMO

O foco desta abordagem centra-se, de forma mais intensa, sobre dois aspectos: em primeiro lugar, salienta e auxilia a necessidade de se criar uma postura crítica frente aos textos filosóficos da cultura indiana, os Upanisads, e, por esta via, elaborar um estudo que ofereça maior embasamento acerca da temática aí desenvolvida; em segundo lugar, por sua vez, pretende auxiliar na elaboração de uma tradução com mais qualidade, além de oferecer a fundamentação para a expansão de um campo ainda pouco explorado no meio acadêmico brasileiro. Além disso, nesta perspectiva, esta análise estabelece a possibilidade de comparar o pensamento contido nos Upanisads com as sistematizações elaboradas pela filosofia grega durante a antiguidade e, conseqüentemente, aponta que houve no subcontinente indiano uma genuína e sistematizada postura filosófica.

Palavras-chave: Postura crítica. Upanisádicos. Tradução. Cultura indiana. Filosofia grega.

“Se me perguntassem sob qual céu a mente humana (...) tem ponderado mais profundamente acerca dos grandes problemas da vida e encontrado soluções para alguns deles, que bem merecem atenção de quem estudou Platão e Kant – eu apontaria para a Índia. E se eu perguntasse a mim mesmo de qual literatura poderíamos nós (que viemos nos alimentando quase que exclusivamente do pensamento grego e romano, e de uma única raça semítica, a judaica) extrair o corretivo que se faz necessário para tornar nossa vida interior mais perfeita, mais abrangente, mais universal, na verdade, mais decididamente humana (...) eu novamente apontaria para a Índia”

Friedrich Max Müller

1 Bolsista do Programa BIC/UFJF.

2 Professor orientador do Departamento de Ciência da Religião – ICH. Universidade Federal de Juiz de Fora. Campus Universitário, Martelos. CEP 36036-330, Juiz de Fora – Minas Gerais – Brasil. Telefone: (32) 2102 – 3116. E-mail: loundo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente, a filosofia no meio acadêmico brasileiro encontra-se fortemente influenciada pelo ponto de vista eurocêntrico, ou seja, uma visão que fez com que os mais diversos pensamentos desenvolvidos na Índia e no Oriente, de modo geral, fossem tratados como um discurso de pouca originalidade, rigor e valor racional. Na verdade, o preconceito com relação à tradição indiana fez com que o mundo ocidental enxergasse tal tradição, mais especificamente a cultura hindu, como aquela que ceifa a possibilidade de uma vida prazerosa; isto é, difundiu-se uma errônea noção de ascetismo exagerado e, além disso, de uma constante fuga em relação àquilo que é ofertado pelo mundo. De fato, ao posicionar-se criticamente perante a milenar civilização indiana, verifica-se que “se tomássemos o hinduísmo como um todo – sua grande literatura, seus rituais complexos, sua difundida cultura popular, sua arte opulenta – e o comprimíssemos numa única afirmação, veríamos que ele diz: você pode ter aquilo que deseja” (SMITH, 2001, p. 30).

Apesar da característica negativa apresentada, houve um momento em que o próprio Ocidente, de modo especial a Europa e os Estados Unidos, passou a interessar-se pela temática desenvolvida no subcontinente indiano. Ora, esse crescente interesse manifestou-se num fascínio pelo esoterismo e folclore indianos como um todo que até os dias de hoje mostra-se perceptível nas grandes cidades, mas não só isso, revelou-se também nas tradições filosóficas indianas que aos poucos vem ganhando voz em um ambiente outrora viciado. Deste modo, seria correto afirmar que com o desenvolvimento crítico ocorrido no século XX, foi grande o aumento no número de traduções dos Upanisads, textos que podem ser compreendidos como conhecimentos intimamente relacionados com a espiritualidade e estritamente ligados às antigas especulações filosóficas dos *Vedas*³, tendo em vista à natureza do mundo e da humanidade.⁴ Por outro lado, no que diz respeito à língua portuguesa, observa-se traduções que, infelizmente, não seguem um determinado rigor acadêmico. Sendo assim, faz-se necessário estabelecer, o mais rápido possível, um estudo crítico e hermenêutico acerca dos textos upanisádicos, uma vez que as edições encontradas em português podem ser vistas como resultados de surtos esotéricos.

A necessidade de um estudo prévio que viabilize condições para a existência de uma boa tradução direta do sânscrito para o português mostra-se evidente a partir de dificuldades linguísticas que, na maioria das vezes, causam grandes equívocos e possíveis inconsistências interpretativas. Por esta razão, é tão necessário quanto justo que o estudo da filosofia e das ciências da religião de língua portuguesa sejam contemplados com uma tradução segura e correta destes textos que não são apenas marcos de uma linha de pensamento metafísico inovadora, mas também belíssimas obras literárias. O trabalho aqui desenvolvido preocupou-se a todo momento com a manutenção do real significado das palavras dos Upanisads e o respeito aos contextos, períodos e objetivos de suas composições, sem deixar que algum tipo de esoterismo ou misticismo encobrisse seu valor metafísico, racional e argumentativo.

METODOLOGIA

A temática referente à tradução e estudo dos Upanisads consiste num projeto pioneiro e, por este motivo, é sinônimo de dificuldades. Em primeiro lugar, não existe em português uma tradução dos

3 Termo originário do idioma sânscrito utilizado para se referir aos quatro conjuntos de tradições religioso-filosóficas predominantemente orais e cujos mais antigos registros escritos datam de aproximadamente 1.500 a.C e correspondem ao embasamento das escrituras consideradas sagradas para o hinduísmo, sendo avaliados como os mais antigos registros literários dos povos indo-europeus. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vedas>. Acesso em: 23 de janeiro de 2012.

4 WITZEL, Michael. *Vedas and Upanisads*. In: FLOOD, Gavin (ed.). **The Blackwell Companion to Hinduism**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, cap. 3, p. 83.

textos upanísádicos elaborada diretamente do sânscrito e sim empreendida a partir de outros idiomas, principalmente europeus, apresentando, portanto, maiores chances de desgaste da originalidade da mensagem transmitida pelo texto original. Com base nisto, no âmbito da presente pesquisa, optou-se por aderir às obras redigidas em inglês e que constituem traduções oriundas do próprio sânscrito, contudo, algumas referências bibliográficas em português foram utilizadas no intuito de servirem como introdução ao tema investigado.

Com a intenção de ampliar o contato com a cultura do subcontinente indiano de uma forma mais ampla e, conseqüentemente, auxiliar e facilitar a abordagem filosófica dos textos upanísádicos, optou-se por inserir os pesquisadores no Núcleo de Estudos em Religiões e Filosofias da Índia (NERFI/UFJF-CNPQ). Nesta perspectiva, a iniciativa de inserção num núcleo investigativo faz com que se mantenha, necessariamente, contato com integrantes de outros níveis acadêmicos e acarreta, sucessivamente, em um aumento da capacidade em lidar com temas ligados de forma direta e indireta com o assunto abordado. Ressalta-se a participação dos bolsistas no minicurso sobre filosofias da Índia ministrado pelo professor Dr. Purushottama Bilimoria, especialista com enfoque na tradição hindu e membro do corpo docente da Universidade da Califórnia (Estados Unidos) e Universidade de Melbourne (Austrália). Neste minicurso, a abordagem do professor Bilimoria centrou-se especificamente na análise e explanação acerca das escolas filosóficas da Índia, são elas: Nyaya (escola filosófica cuja abordagem é a lógica), Mimansa (escola filosófica cuja abordagem é a hermenêutica) e Vedanta (escola filosófica cuja abordagem é a metafísica).

Sendo a Índia uma abordagem acadêmica ainda em florescimento no panorama brasileiro, o levantamento bibliográfico solicitado pelo orientador surtiu pouco efeito quando houve consultas em acervos de bibliotecas locais, como é o caso da Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora e da que se encontra sob administração dos Redentoristas junto à igreja Nossa Senhora da Glória. Diante de tal dificuldade, foi necessário repensar o método até então usado e, deste modo, optou-se por fazer o levantamento através de uma ferramenta com maior territorialidade e, neste caso, o objeto de escolha foi a internet. Dessa forma, houve a possibilidade da aquisição de um maior número de informações não apenas em caráter nacional, como também em sites estrangeiros.

O trabalho em questão pode ser compreendido, até certo ponto, como uma atividade teórica fundamentada na análise e interpretação de textos, visto que o projeto não se baseia totalmente no levantamento de dados. Todavia, abarca também uma reflexão que visa à compreensão da própria filosofia desenvolvida nos principais textos da tradição upanísádica, tais como: *Isa, Kena, Svetasvatara, Katha, Prasna, Mundaka, Taittiriya, Aitareya, Chandogya* e *Brhadaranyaka*. Além disso, tal fato não exclui o papel de destaque exercido pelo convívio entre o orientador e os bolsistas. Em suma, a metodologia pode, desta maneira, ser resumida do seguinte modo: análise textual, atividades de extensão, pesquisas através da internet e encontros entre o orientador e ambos os bolsistas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os Upanisads foram redigidos em sânscrito, a língua do conhecimento na Índia, e suas composições podem variar entre alguns parágrafos, dezenas ou centenas de páginas. Diante de tal afirmação, podem se apresentar tanto na forma prosaica quanto em versos ou em ambas as modalidades. A palavra Upanisad denota uma característica marcante dos textos. Ela aponta para o caráter pedagógico que, por sua vez, é muito semelhante ao modelo socrático da maiêutica tão difundido por Platão em seus inúmeros diálogos; em acréscimo a esta característica, não se deve colocar de lado o caráter instrucional do processo de aprendizagem aí ministrado. Trata-se de um diálogo instrutivo entre mestre e discípulo

que pode ser expresso numa relação entre homens, entre deuses e homens, entre marido e mulher, entre pai e filho, ou outros, e que visa transmitir gradualmente a mensagem profunda a respeito da não-diferença fundamental entre *atman* (modo de ser da totalidade) e *brahman* (totalidade). Diante das afirmações aqui constatadas, observe o trecho a seguir e a preocupação nele contida acerca da necessidade filosófica de se reduzir os aspectos da multiplicidade tendo em vista a unidade:

No início havia a existência, apenas Um, sem segundo. Alguns dizem que no início havia apenas a não existência, e que dela nasceu o universo. Porém, como poderia ser tal coisa? Como poderia a existência nascer da não existência? Não, meu filho, no início havia apenas a existência (ser) – somente um, sem que houvesse outro. Ele, o Uno, pensou: Serei muitos, expandir-me-ei. Assim, projetou o universo a partir de si mesmo, e entrou em cada ser, em tudo. Tudo o que existe possui o seu ser somente nele. Ele é a verdade. Ele é a essência sutil de tudo (...) (CHANDOGYA-UPANISAD, 1987, p. 46).

A palavras Upanisad é composta de três partes: o prefixo *upa* significa “junto a”, *-ni-* transmite a ideia de “abaixo” e a raiz verbal *sad* significa “sentar” – literalmente, “sentar-se junto a” um mestre, alguém acima de sua posição, a fim de aprender. É importante levar-se em conta o caráter didático dos Upanisads: neles há um tema claro a ser tratado (a eliminação dos erros sobre a natureza de si mesmo e a postulação da não-dualidade entre o micro e o macrocosmo); e uma metodologia própria para tratá-lo.

A matéria-prima da investigação upanisádica é, como já mencionado, a relação *atman-brahman*, o Eu individual e o Eu Universal, a força imperecível e verdadeira por trás do mundo fenomênico e a sua manifestação individual, oculta nas profundezas do coração humano. A versão escrita dos textos subordina-se ao diálogo oral que contém, de forma definitiva, os ensinamentos a serem transmitidos. É relevante que o leitor ocidental dos Upanisads tenha em mente que neles não se encontram esquemas filosófico-rationais nos moldes iluministas ocidentais, mas, ao invés, reflexões que o impelem, num sistema que promove a faculdade da intuição e a realização do que pertence ou não à realidade, do permanente e do transitório, a uma transformação espiritual visando uma melhor condição da vida e de felicidade. Esta perspectiva indiana de busca da felicidade como condição inerente à condição humana é igualmente constatada na filosofia aristotélica. Por um lado, o autor grego ressalta que “se a felicidade consiste na atividade conforme a virtude, será razoável que ela seja também uma atividade em consonância com a mais alta virtude” (razão) (ARISTÓTELES, 2004, p. 228). Por outro, a tradição filosófica indiana também postula que “com a ajuda da mente e do intelecto, impede que os sentidos se apeguem aos objetos do prazer” (SVETASVATARA-UPANISAD, 1987, p. 72). Portanto, a Índia não deve ser concebida como aquela que é em si mesma a estraga prazeres, o que ela propõe é uma caminhada em concordância com as diretrizes do intelecto e, acima de tudo, a vivência do prazer a partir do desapego e da emancipação da natureza humana em relação ao mundo no qual o homem encontra-se localizado.

A inserção do intelecto no plano prático não consiste em afastar do indivíduo aquilo que lhe é causa de prazer, seu objetivo é resolver o problema referente à causa do sofrimento, o apego excessivo. Deste modo, ressalta-se que a proposta central é conhecer melhor as coisas que envolvem o ser humano no decorrer de sua existência, de modo que, a partir do momento em que se inicia um processo de compreensão mais intenso, passa-se a avaliar o mundo de forma mais profunda. Seria correto afirmar que neste processo surge o conhecimento das essencialidades das coisas, a razão não deve ser compreendida como aquela que afasta os objetos prazerosos, mas, sim, como a responsável por ensinar acerca da natureza de cada um.

O presente projeto de pesquisa abarcou em si uma gama de tendências que são responsáveis por delinear a importância e originalidade dos textos upanishádicos enquanto construção filosófica; além disso, contribui no sentido de reafirmar a necessidade do meio acadêmico brasileiro posicionar-se de forma mais clara a favor do reconhecimento da tradição indiana como um discurso que vai além de meras práticas religiosas. Sendo assim, destaca-se, em primeiro lugar, a necessidade de se criar um suporte para acompanhar a elaboração de uma edição crítica dos principais textos da tradição upanishádica em língua portuguesa. Em segundo lugar, a análise a respeito da tradição racional indiana abriu espaço para a consolidação de um estudo comparativo entre o aspecto religioso-filosófico hindu e as religiões e filosofias desenvolvidas em outros contextos civilizacionais, de modo especial, como constatado, a Grécia. Ainda nesta perspectiva, pretende auxiliar na compreensão das peculiaridades do idioma sânscrito como uma língua sagrada e de filiação indo-europeia. Por fim, esta pesquisa possibilitou a percepção de uma distinção temática no interior dos Vedas, em outras palavras, clarificou que há em tais textos práticas religiosas com ênfase ritualística e reflexões filosóficas com vistas à soteriologia. Em consequência disso, a investigação empreendida permite verificar que existe na tradição upanishádica condições de apontar dado encaminhamento soteriológico fundamentado numa postura racional, ou seja, a razão adquire papel indispensável no ato de suprimir a ignorância e os entraves que dificultam o vislumbre do mundo a partir de uma perspectiva clarificadora.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o momento em que se trata da semelhança filosófica entre a Índia e a Grécia, observa-se, conseqüentemente, por causa das convenções estabelecidas no decorrer da história, justapostos frente a frente partes integrantes tanto do Oriente (Índia) quanto do Ocidente (Grécia). Embora a relação ocidental-oriental seja marcada por uma herança conflituosa, ambas constituem realidades muito próximas, tal como se observou no que tange ao aspecto racional. Contudo, nesta perspectiva, é muito interessante evidenciar que o Oriente não é algo simplesmente situado no espaço, muito pelo contrário, ele deve ser compreendido como algo que possui historicidade e tradição de pensamento. É evidente que tanto a Grécia como a Índia não são capazes de traduzir em si mesmas todas as manifestações culturais ocidentais e orientais, mas evidenciam o quão similar e não antagônica pode ser tal relação. Além disso, a existência de uma porção geográfica ocidental só pode ser reconhecida como tal tendo em vista a ocasião em que o Oriente passa a existir, ou seja, nessas condições nota-se uma espécie de completude mútua. É nesta perspectiva que Edward Said constrói a seguinte afirmação:

O oriente não é um fato inerte na natureza. Não está simplesmente lá, assim como o próprio ocidente não está apenas lá. Devemos levar em consideração a notável observação de Vico, segundo a qual os homens fazem a sua própria história e que só podem conhecer o que fizeram e aplicá-la à geografia: como entidades geográficas e culturais – para não falar em entidades históricas –, os lugares, regiões e setores geográficos tais como o “oriente” e o “ocidente” são feitos pelo próprio homem. Portanto, assim como o próprio ocidente, o oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento e imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o ocidente. As duas entidades geográficas, desse modo, apoiam e, em certa medida, refletem uma a outra (SAID, 1990, p. 16-17).

Este artigo não pretende retirar do povo grego o mérito por ter iniciado o pensamento filosófico tal como é concebido tradicionalmente, ou seja, falar em “milagre grego” não é atribuir o surgimento da filosofia na Grécia como algo inexplicável, mas como um evento histórico que lá ocorre e se estende para além das próprias fronteiras gregas e de suas colônias. Além do mais, a demonstração de que na Índia houve um pensamento racional serve para expurgar, principalmente do meio acadêmico, o lema de que o pensamento oriental não se enquadra no rigor filosófico do ocidente.

AGRADECIMENTOS

A consolidação do presente projeto tornou-se realidade não por causa das facticidades que compõem a existência humana, mas por razões que não poderiam deixar de ser ressaltadas. Diante deste fato, gostaríamos de demonstrar nossos mais sinceros agradecimentos à PROPESQ (UFJF), ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ) e, além disso, à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Cabe também gratidão àqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho fosse concluído, de modo especial rendemos graças ao Professor e amigo Dilip Loundo, aos doutorandos José Abílio Pérez e Gisele Lemos, uma vez que sempre estiveram presentes no decorrer das atividades.

STUDY AND TRANSLATION OF THE ORIGINAL IN SANSKRIT OF THE UPANISADS

ABSTRACT

The purpose of this article focuses more intensely on two aspects: firstly, it underlines and deals with the necessity of creating a critical view about the philosophical texts of Indian culture, the Upanisads. In this way, the research provides greater background knowledge about the theme developed in this cultural context. Secondly, in turn, this study aims to highlight the development of a better translation into Portuguese; in addition to that, it offers the foundations for the expansion of an unexplored field in Brazilian academy. Furthermore, the perspective of the current analysis makes it possible to compare some thoughts contained in the Upanisads texts with systematizations by Greek philosophers during the ancient times and, consequently, it indicates that Indian Subcontinent was able to produce a genuine philosophical posture.

Keywords: Philosophical posture. Upanisads. Translation. Indian culture. Greek philosophers

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- CHANDOGYA-UPANISHAD. In. **Os Upanishads: Sopro Vital do Eterno**. Tradução de Cláudia Gerpe a partir da versão inglesa de Swami Prabhavananda. São Paulo: Pensamento, 1987.
- FLOOD, GAVIN (Ed.). **The Blackwell Companion to Hinduism**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

RADHAKRISHNAN, SARVEPALLI. **Indian Philosophy**. London: G. Allen, 1940.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SMITH, HOUSTON. **As religiões do mundo**. São Paulo: Cultrix, 2001.

SVETASVATARA-UPANISHAD. *Os Upanishads: Sopro Vital do Eterno*. Tradução de Cláudia Gerpe a partir da versão inglesa de Swami Prabhavananda. São Paulo: Pensamento, 1987.

UPANISADS. Tradução de Patrick Olivelle a partir da versão sânscrita. Oxford: Oxford University Press, 1997.

ZIMMER, HEINRICH. **Filosofias da Índia**. São Paulo: Palas Athena, 2003.